

## BRASÍLIA QUE ME CRIOU

# Filhote da cidade modernista

Para Galeno, Brasília funcionou como uma grande escola ao ar livre. Sua obra alcançou projeção internacional

» SEVERINO FRANCISCO

Athos Bulcão disse que Brasília deveria educar, cotidianamente, os brasilienses para cultivar a arte. Talvez isso não aconteça com todos. Contudo, no caso de Galeno, a cidade funcionou mesmo como uma grande escola de arte ao ar livre. Com a inquietação de curumim arteiro, paulatinamente, assimilou o espírito da cidade ao vivenciar a arquitetura de Niemeyer, os painéis de Athos Bulcão, as bandeirinhas de Volpi e a pintura de Rubem Valentim, inspirada nos signos do candomblé e da cultura afro-brasileira. Aprendeu a valorizar a sua vida de menino nordestino e a olhar para os objetos, as brincadeiras e as festas sob um prisma modernista.

O nome dele é Francisco de Fátima Carvalho. Chegou a Brasília em um domingo de junho de 1966, com 8 anos, cheio de curiosidade. Era esperado pelo pai na rodoviária do Núcleo Bandeirante, cidade de faroeste dos tempos inaugurais de Brasília. Sempre foi um menino fujão, de repente, desaparecia de casa, para aflição da mãe.

Ele é um peladeiro de carteirinha. Em 1965, quando tinha 9 anos, fugiu de casa em um caminhão para assistir a um jogo no Estádio Pelezão entre o Santos (de Pelé, Carlos Alberto, Clodoaldo e Edu) contra um time com os melhores craques das construtoras de Brasília. Claro que o Santos ganhou de mais de meia dúzia a zero, mas Galeno vibrou com a aventura de ver o maior jogador do planeta pisando nos gramados candangos. A paixão pelo futebol virou arte: ele fez questão de desenhar as camisas do time de Brazlândia, cidade onde mora em Brasília.

Galeno é um legítimo filhote do modernismo brasiliense. Com figuras e materiais precários (carrinhos de lata de sardinha da infância, carretéis, bilros da mãe bordadeira, canoas construídas pelo avô, móveis

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A.Press



**Tem gente que só olha, mas não vê. Já a sensibilidade te leva a ver com interesse. A Brasília que eu gosto é a da minha infância**

Francisco Galeno, artista

do pai marceneiro), ele faz uma festa brasileira para os olhos, recriada sob lentes construtivistas que assimilou na vivência de Brasília. “Nasci no Delta do Parnaíba piauiense, tive vida boa de menino que caçava passarinho com baladeira e nadava no rio. Gilberto Gil fala que a Bahia lhe deu régua e compasso. Posso dizer que o Delta do parnaíba me deu tintas, cores e histórias para contar. A minha maneira de fazer arte é simples e natural, como era a da minha família, de artesãos. Meu avô e meu irmão construíam canoas. E minha mãe era bordadeira.”

A sua arte é de extremo requinte

e elegância. Tem algo do traço, da fantasia, do ritmo e da signagem de Volpi, de Athos Bulcão e de Rubem Valentim, mas é, cada vez mais, puro Galeno. “A minha relação com Brasília é a de museu a céu aberto. Influenciou-me pela luz, a composição e a forma. Tem gente que só olha, mas não vê. Já a sensibilidade te leva a ver com interesse. A Brasília que eu gosto é a da minha infância. Sempre pintei o interior de Brasília. Pintei os barracos, contei a história do meu pai, da minha mãe e dos meus amigos.”

Como não teve acesso à universidade, conta que procurava a arte que estava na cidade. Imaginava que nunca poderia chegar perto de Athos Bulcão ou Rubem Valentim. Quando Galeno foi convidado a expor seu trabalho na galeria de Ana Maria Niemeyer, filha de Oscar, no Rio de Janeiro, Rubem Valentim esteve no atelier em Brazlândia, olhou os quadros e disse: “Pode expor”.

Depois, ele participou do júri e lhe concedeu o prêmio principal. “E um outro grande mestre que tive foi o artesão seu Quinca, de Brazlândia. Eu ia à casa dele e ficava olhando ele trabalhar. Não falávamos nada, mas a gente se comunicava de maneira intuitiva.”

## Autodidata

Escavou, de maneira (quase sempre) autodidata, com muito trabalho, um caminho singular. Percebeu que, para encontrar uma linguagem própria, precisava voltar às coisas simples de menino inebriado pelas formas e cores do Delta do Parnaíba piauiense. Mas sob as lentes construtivistas assimiladas com a vivência da cidade-museu aberto Brasília: “Pintei figuras e paisagens como todo iniciante. Mas, depois, cheguei a algo que representa a minha alma. Sempre gostei de falar do lugar onde estou. Se moro em Brazlândia, não vou pintar algo de Nova York.

Não tenho como referência apenas a história da arte, mas, também, a do meu pai e da minha mãe.”

O Parnaíba invadiu Brasília e Brasília atravessou o Parnaíba, numa teia que lembra a urdidura dos bordados de sua mãe ou os grafismos da arte indígena; as casinhas dos bairros pobres nordestinos e os edifícios de curvas audaciosas de Niemeyer; os carrinhos de lata de sardinha e os carretéis das costureiras; os camaleões do Piauí e os calangos do Cerrado; as lamparinas e as fiações dos postes de luz do Plano Piloto; as dunas de areia e os espaços brancos de silêncio da capital modernista.

O prestígio internacional veio depois que o Cerimonial da Presidência da República passou a adquirir os seus quadros para que os presidentes Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff apresentassem representantes de outros países. O ex-presidente dos EUA Barack Obama foi dos agraciados.

Os destinos de Galeno e de um dos seus mestres, Alfredo Volpi, se cruzariam em 2009 na Igreja Nossa Senhora de Fátima (108 Sul). Foi convidado a refazer, com a sua visão, uma parede pintada por Volpi, que um padre de poucas luzes apagou com uma demão de tinta. A versão de Galeno não poderia deixar de incluir pipas, borboletas e uma Nossa Senhora com as cores vibrantes da cultura popular brasileira.

A princípio, provocou reações de devotos conservadores, mas, com o correr do tempo, tornou-se uma grande atração. “Não tive medo de enfrentar a ignorância, a minha dúvida era se eu conseguiria fazer o painel para substituir o trabalho de um dos grandes criadores da arte brasileira”, diz. “Mas Nossa Senhora me deu força e eu consegui. Brasília me acolheu, colocou um manto por cima e me abraçou.” Para Galeno, Brasília sempre foi e será a menina dos seus olhos.

## Assombro que virou mito

» NAHIMA MACIEL

Tico Magalhães tinha 17 anos quando desembarcou em Brasília pela primeira vez. Vinha de Recife e decidira ficar uma temporada na capital para acompanhar a mãe, uma médica convidada para trabalhar no Ministério da Saúde. A ideia era ficar um ano e voltar para a capital pernambucana, na qual estudava para ingressar na universidade de publicidade e se embrenhava cada vez mais na cultura popular do maracatu. Tico tocava no Estrela Brilhante e, graças à amizade com mestre Salustiano, do Piaba de Ouro, começou a visitar o interior do estado, onde conheceu o maracatu de baque solto e o cavalo marinho. O universo popular já arrebatava o adolescente quando ele resolveu ficar em Brasília.

Foram muitas idas e vindas entre Recife e a capital nos primeiros anos, especialmente por conta das atividades com o maracatu. Numa dessas, Tico imaginou o mito do Calango Voador que daria origem ao Fuá do Seu Estrelo, uma brincadeira criada para Brasília com história que mistura referências do Cerrado e particularidades das manifestações nordestinas.

O Planalto Central teve uma força imensa no imaginário de Rodrigo Cavalcanti Magalhães. Impactado, ele criou toda uma mitologia que hoje conta com 80 figuras. “Vindo para cá, foi esse assombro com Brasília. E, em seguida, com o Cerrado”, lembra.

A natureza rasteira, os rios, o céu sem fim, a terra vermelha, a seca que castiga e a chuva que traz de volta a vida capturaram Tico, hoje com 47 anos. “Acho que foi a força do lugar mesmo, essa força da natureza, isso tudo me assombrou”, lembra. “A gente, na beira do mar, dá as costas para o país, para o interior. E essa coisa do céu, da cachoeira, do rio, do Cerrado são muito fortes. Ao mesmo tempo tem a história da cidade, essa cidade novidade. Era, para mim, uma cidade que ainda não tinha uma tradição e que, ao mesmo tempo, tinha muita tradição de muito lugar.”

## Início, meio e fim

Filho do Sol e da Terra, o Calango Voador nasceu no coração do Cerrado e ganhou asas para fugir de uma tromba d'água. Dividido em três partes, o mito começa com a criação dos mundos nos quais o personagem vai

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



**Foi esse assombro com Brasília. E, em seguida, com o Cerrado**

Tico Magalhães, fundador do Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro

circular. Depois, vem o nascimento do Calango e a fundação de Brasília que, na mitologia, é uma invenção das próprias figuras que formam o mito. Tico começou a escrever a história nos primeiros encontros com o Cerrado, embalado pelo contato inicial com a região.

“Na primeira vez que vim, vendo o céu, o rio, começaram a chegar essas histórias e comecei a escrever. Dentro do terreiro começaram a vir alguns recados falando da brincadeira.

E aí me toquei que tinha uma coisa preciosa ali, da brincadeira, que reverberava nas pessoas e espiritualmente”, conta.

O Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro tem uma particularidade que Tico trouxe do interior de Pernambuco e que é fundamental para que a brincadeira não seja um maracatu importado do Nordeste mas, sim, uma manifestação local: o samba pisado, um ritmo que dialoga com a própria natureza do Cerrado. “O samba é esse pulso que chama as figuras, liga a gente ao próprio Cerrado. O samba tem essa coisa, é um ritmo acelerado, traz essa coisa da chuva, das águas do rio, tem essa ligação com a própria natureza”, avisa.

À época, Tico já participava

das atividades da casa, que hoje é o Centro Tradicional de Invenção Cultural, e, ao ser convidado para realizar uma oficina de maracatu, resolveu propor a criação do centro e de uma brincadeira fundada no mito do Calango Voador. “Falei para a galera que o maracatu estava em Recife e que tinha uma mitologia daqui. A gente começou a brincar”, lembra. O mito tomou uma dimensão tão grande que hoje celebra 20 anos coroados com o título de patrimônio imaterial do Distrito Federal, enquanto Tico vai receber o título de Cidadão Honorário de Brasília. “Para mim, foi o maior orgulho ser da cidade oficialmente”, garante.